

## Função e significado do episódio da 'Ilha dos Amores' n' *Os Lusíadas*

[...] Os heróis lusíadas alcançam na Ilha dos Amores o clímax da sua ascensão divinificatória. Constitui, efetivamente, um autêntico *leitmotiv* do espírito épico de *Os Lusíadas* a ideia de que os heróis históricos cantados por Camões, heróis reais de carne e osso e não fantásticas criaturas como os heróis de Ariosto ou Boiardo, não de ascender à condição divina, tal como Júpiter, Febo, Marte e outros nomes que, como realça Camões, aceitando a doutrina evemerista muito difundida na época renascentista, primeiramente “foram de fraca carne humana” (IX, 91). Baco, o deus que, raivosa e traiçoeiramente, busca impedir a chegada dos portugueses à Índia, exprime esta mesma convicção, ao falar perante os deuses marinhos congregados em consílio:

Vistes que, com grandíssima ousadia,  
 Foram já cometer o Céu supremo;  
 Vistes aquela insana fantasia  
 De tentarem o mar com vela e remo;  
 Vistes, e ainda vemos cada dia  
 Soberbas e insolências tais, que temo  
 Que do Mar e do Céu, em poucos anos,  
 Venham Deuses a ser, e nós humanos. (VI, 29)

Esta divinização representa o coroamento de uma longa e penosa ascensão, constitui o justo prêmio concedido àqueles que viveram, em plenitude, um ideal português de *virtú* humana no século de Quinhentos: aqueles barões que, em espírito de cruzada, reacendido no tempo de Camões pelo movimento da Contrarreforma, se erguiam em defesa da Cristandade que tinha em Roma a sua cabeça e que era então externamente ameaçada pelos Sarracenos e, internamente, pelas fações protestantes e reformistas; aqueles barões que, com viril ardor, desprezando ócios, luxos e apetites hedonísticos, criavam nas guerras e nos perigos um entendimento claro das coisas da vida e uma consciência sem jaça, jamais sacrificando os altos valores por que lutavam às mesquinhas satisfações proporcionadas pelas riquezas e pelas honrarias; aqueles barões que, sem nunca se confundirem com aventureiros e chatins, conquistavam para a civilização grande parte da terra, fazendo aumentar prodigiosamente os conhecimentos do homem moderno, não através da lição registada nos livros e transmitida e aceita em espírito de autoridade, mas através da experiência e da observação direta dos fenómenos da natureza.

Em relação a este último aspeto, igualmente o episódio da Ilha dos Amores oferece um importante significado simbólico, pois ele representa, também na ordem do conhecimento, o clímax da gesta descobridora de Portugal. Semelhantemente ao Diogo Cão da *Mensagem*, de Fernando Pessoa, podiam os nautas da Ilha dos Amores proclamar que da obra ousada e do mundo conhecido era sua a parte feita; o por-conhecer era só com Deus... E por isso Tétis declara que a finalidade da sua presença naquela ilha consistia em revelar à Nação portuguesa os segredos do mundo ainda ignoto:



Dando-lhe a entender que ali viera  
 Por alta influência do imóvel Fado,  
 Pera lhe descobrir da unida Esfera  
 40 Da terra imensa e mar não navegado  
 Os segredos, por alta profecia,  
 O que esta sua Nação só merecia. (IX, 86)

A ascensão divinizadora de Vasco da Gama e dos seus companheiros está cabalmente comprovada no especial favor que Deus, fonte de todo o saber, lhes concede: guiados por Tétis, sub-  
 45 rão um *monte espesso*, recoberto de *um mato / árduo, difícil, duro a humano trato* – símbolo do esforço que exige o conhecimento –, de cujo cimo poderão contemplar *o que não pode a vã ciência / dos errados e míseros mortais* (X, 76): a máquina do mundo, descrita de acordo com a concepção ptolomaica. De um saber de experiência feito, haurido nas mais remotas paragens da terra, ascendiam assim os nautas lusitanos a uma forma superior de conhecimento, que lhes era propi-  
 50 ciada pelo próprio Criador do Universo.

Este favor especial da Sapiência Suprema marca um povo eleito. E isto prende-se com a nossa afirmação antecedente de que, na Ilha dos Amores, os “barões assinalados” perfaziam um dos grandes ciclos, embora não o ciclo supremo, da missão ecuménica do povo português. Como escrevemos num outro nosso estudo, “toda a História de Portugal, tal como Camões a visiona e  
 55 narra, é a progressiva realização do destino [de um] povo eleito. Nesse destino, avultam momentos nucleares e personagens de eleição, os quais, por isso mesmo, ocupam na estrutura global do poema uma extensão e um relevo especiais. Assim acontece com D. Afonso Henriques, o Fundador, em cujo reinado a Batalha de Ourique representa a sagração, atestada pelo milagre, da ‘pequena casa lusitana’; assim acontece com D. Afonso IV e com a Batalha do Salado, preserva-  
 60 ção e confirmação do destino aceite e proclamado em Ourique; assim acontece com D. João I, o monarca que, mais uma vez, salvaguardou o destino de Portugal e que, finda a caminhada para sul da reconquista, perfez, com a tomada de Ceuta, o gesto auroral da expansão transmarina. [...] Nesta perspectiva, a empresa dos descobrimentos e o seu clímax, a viagem de Vasco da Gama em demanda da Índia, constituem a continuação, o prolongamento e a glorificação de uma história  
 65 que, desde há muito, vinha sendo urdida e de que tinham sido, eram e seriam agentes os guerreiros, os nautas, os missionários, os mártires e os sábios cujas figuras perpassam, quer sob a forma de narrativa, quer sob a forma de profecia, nos cantos de *Os Lusíadas*. E assim recobra plenitude de significado o próprio título do poema, pois o herói exaltado é efetivamente a totalidade concreta e orgânica de uma comunidade, visionada e glorificada na inconsútil urdidura do  
 70 seu destino histórico, e não tão-somente cantada na crónica avulsa dos seus heróis e dos seus feitos.”

A missão ecuménica deste povo eleito, cumprida ao longo dos séculos por obscuros obreiros e por claros heróis, não culmina nem se esgota com a glorificação proporcionada aos mareantes lusitanos na Ilha dos Amores. O ciclo supremo dessa missão, coroamento e revelação cabal do  
 75 sentido da história da comunidade lusíada, realizar-se-ia, segundo vaticina e anela Camões, num futuro próximo, quando el-rei D. Sebastião efetivasse enfim, em plenitude, o ideal cruzadístico que animou e guiou, como autêntica superestrutura ideológica, o Estado e o escol intelectual da Nação portuguesa no século de Quinhentos:



80 E vós, ó bem nascida segurança  
 Da lusitana antiga liberdade,  
 E não menos certíssima esperança  
 De aumento da pequena Cristandade;  
 Vós, ó novo temor da maura lança,  
 Maravilha fatal da nossa idade,  
 85 Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
 Pera do mundo a Deus dar parte grande. (I, 6)

No texto de *Os Lusíadas*, este ciclo supremo do destino de Portugal apenas poderia figurar como desejo e profecia; no texto do acontecer histórico, escrito seis anos após a publicação da edição príncipe da epopeia, ficou assinalado como uma tragédia nacional... Os germes da deca-  
 90 dência vinham corroendo desde há muito a grandeza material e moral da Pátria lusíada. Camões, embora comungando ardorosamente nesse sonho de cruzada e de império que soçobrou nos areais de Alcácer-Quibir, permanecia de mente bem lúcida para se dar conta, angustiosamente, dos sinais de decadência que estigmatizavam já o corpo e a alma da Nação. Logo após concluir o magno, sob todos os pontos de vista, episódio da Ilha dos Amores, escreveu estes  
 95 versos de acusação e agonia:

No mais, Musa, no'mais, que a lira tenho  
 Destemperada e a voz enrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda e endurecida.  
 100 O favor com que mais se acende o engenho,  
 Não no dá a Pátria, não, que está metida  
 No gosto da cobiça e na rudeza  
 Dũa austera, apagada e vil tristeza. (X, 145)

À luz destas palavras tão dolorosas, é pertinente perguntar: não será, em parte, o episódio da  
 105 Ilha dos Amores uma típica utopia, cantada por uma voz ansiosa por se libertar das ameaçadoras sombras crepusculares que iam desfigurando a obra dos heróis e iam amortalhando o sonho que ainda ardia nalgumas almas? A utopia, tanto cristalizada no passado como projetada no futuro, é sempre uma fuga à história e um protesto contra ela. A angústia gerada pelo desconcerto do mundo pode conduzir a dois caminhos: ou a uma atitude fideísta, de absoluto e irracional abandono aos abscônditos desígnios da Providência, ou a uma evasão na utopia, procurando-se a  
 110 Harmonia à margem da historicidade humana. A primeira atitude encontra-se repetidamente expressa na obra lírica e épica de Camões; a segunda, poderemos considerá-la corporizada neste episódio da Ilha dos Amores.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, 1999. *Camões: Labirintos e Fascínios*.  
 2.ª ed. Lisboa: Cotovia [pp. 140-143] [1.ª ed.: 1994]

